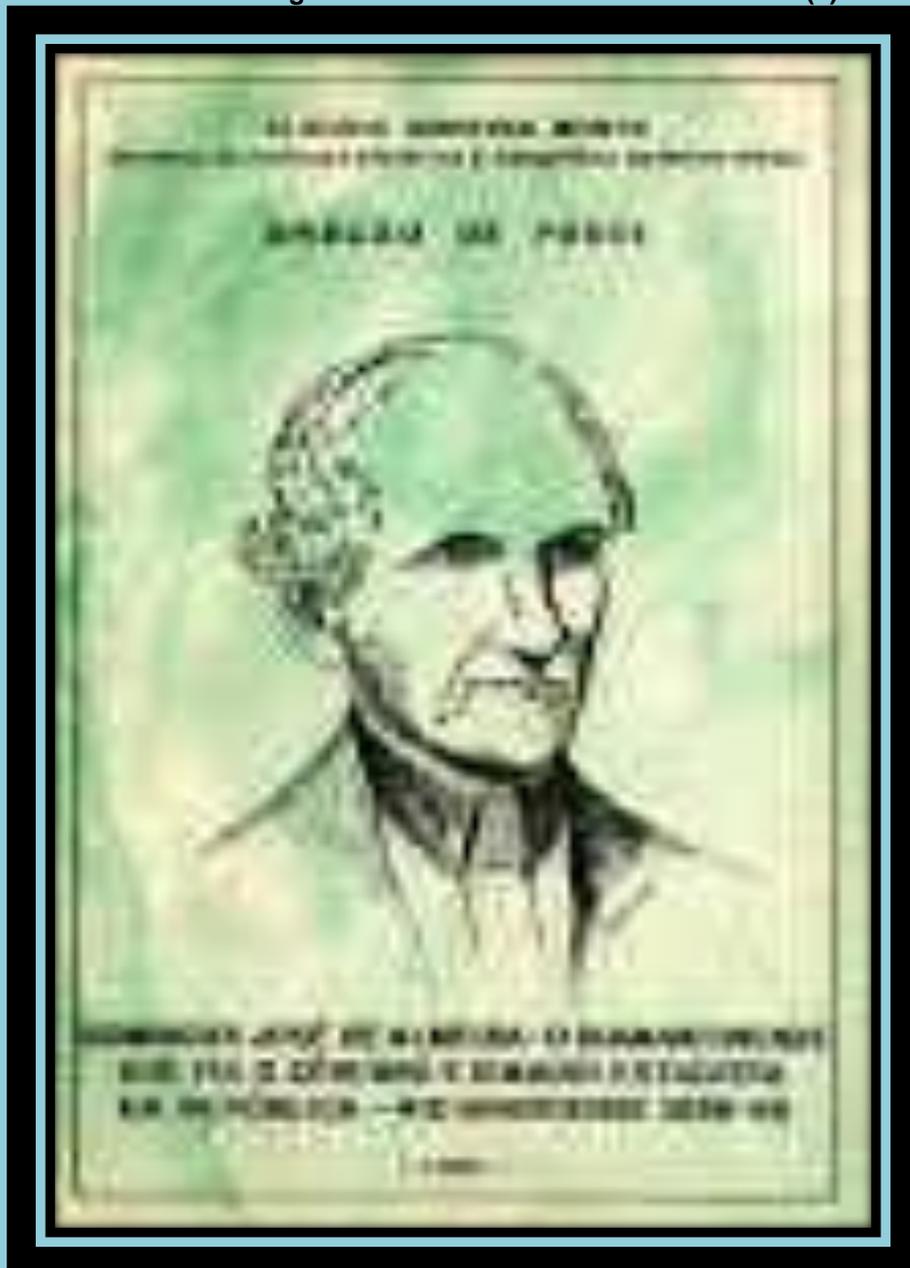


**DOMINGOS JOSÉ ALMEIDA – O DIAMANTENSE QUE FOI O CÉREBRO E
O MAIOR ESTADISTA DA REPÚBLICA – RIO GRANDENSE 1836 – 45**



Veterano Cel Eng e Estado-Maior Claudio Moreira Bento (x)



LIVRO DIGITAL

Capa por Camila Karen Renê sob orientação do autor.

- SUMARIO.2
- Introdução 2
- Homem genial de cultura enciclopédica 2
 - O Patriarca de Pelotas-RS 3
- Primeiro monumento republicano no Brasil 3
- Serviços avultados e expressivos ao Rio Grande do Sul 3
- Família 4
- Mineiro de Diamantina-a Forja de pioneiro 4
- Mensageiro no Rio Grande do Sul do ideal de Tiradentes 5
- Cultura 6
- Doença 6
- Barca Liberal –pioneira em navegação militar a vapor no Brasil em Operações de Guerra 6
- Barca Liberal navio escola a vapor de nossa Marinha 7
- Abolicionista 7
- Comerciante e empresário 8
- Empobrecimento durante a Revolução 8
- Pensamentos 9
- Preso duas vezes f0
- Justiça a um verdadeiro soldado 10
 - Pelotas Arsenal Farrapo 12
- Destino duro e grato aos rio grandenses 12
- O historiador 12
- Biografia do líder e espada da Revolução Bento Gonçalves 13
- Fontes 15

O Coronel da (GN) Guarda Nacional - Domingos José de Almeida (1797 - 1871), mineiro de Diamantina e ainda pouco conhecido e estudado em sua terra natal onde passou a infância, juventude e parte da mocidade, foi classificado por seus biógrafos de **“legendário patriota e paladino da liberdade”**, (1) **“cérebro, primeira inteligência, o mais consumado estadista”**, (2) além de **“consciência jurídica, espírito tutelar”**, (3)

filósofo, pensador e ideólogo da Revolução Farroupilha 1835-45-RS, a qual estruturou, em grande parte, filosófica, constitucional, jurídica, logística e economicamente, em apoio a ação de sua maior espada e líder - o General Bento Gonçalves da Silva, seu amigo, seu comandante na Guarda Nacional e compadre. Revolução que segundo a sua opinião, foi:

“a mais cavalheiresca do mundo e que muito honra aos que a dirigiram, como os filhos do Rio Grande do Sul”.

HOMEM GENIAL DE CULTURA ENCICLOPÉDICA

Homem genial; idealista dotado de alma nobre e honestidade puritana; cultura enciclopédica invulgar, acumulada como autoditada, capacidade de trabalho, operosidade, energia e criatividade notáveis; acendrado patriotismo, raro espírito público aliado a desambição e desinteresse pessoal, segundo síntese do pensamento dos seus

biógrafos e personalidades que com ele conviveram. Todo este potencial ele colocou a serviço de seus ideais de independência do Brasil, com liberdade, república, igualdade, fraternidade e progresso integral. Como um dos principais dirigentes da República Rio-Grandense foi coerente com a filosofia que fez imprimir em todas as edições de **O POVO** - órgão oficial da citada república –

“O poder que dirige a Revolução, tem que preparar os animos dos Cidadãos para os sentimentos da fraternidade, modéstia, igualdade, desinteressado e ardente amor Pátria” (Jovem Itália - Vol V)

O PATRIARCA DE PELOTAS-RS

Patriarca de Pelotas, onde viveu a partir de 1819 e cujo nome defendeu arduamente na Assembléia Provincial, face as alternativas de Calopólis e Pelotapes, em substituição ao nome primitivo de São Francisco de Paula. Ele prestou a esta cidade relevantes e inúmeros serviços como seu vereador, em cinco legislaturas, entre 1832–1864.64.

Foi responsável pelo traçado urbano da cidade, feito as suas expensas (projeto e execução). Estabeleceu sob a sua direção imediata, e com risco de vida, de nov/dez 1855, um Lazareto (hospital), para atender 814 pelotenses atingidos pela cólera morbus,, dos quais 514 foram curados e 30 morreram.

PRIMEIRO MONUMENTO REPUBLICANO NO BRASIL - 1885 –

Segundo, **“o brummer”** e grande jornalista Carlos Von Kozeritz, redator do jornal **Brado do Sul** de Domingos José e que nesta condição com ele privou intimamente,

“ Se o ilustre filho de Diamantina tivesse vivido, ao invés de em Pelotas, “na côrte ou em outro local de projeção , teria ocupado lugar de destaque entre as maiores capacidades do Império e feito o seu nome retumbar no orbe terrestre”

Em sua memória, no cinquentenário da Revolução Farroupilha, foi erigido o primeiro monumento republicano do Brasil, a beira do caminho entre seu solar no Areal e o centro da cidade de Pelotas, contendo a seguinte inscrição:

“Os republicanos de Pelotas recomendam aos andantes a memória de Domingos José de Almeida 20 setembro 1885”

Hoje fica sobre a bela avenida que conduz praia do Laranjal nesta cidade. Defronte a Prefeitura de Pelotas foi colocado seu busto. E Uruguaiana erigiu- lhe monumento como o seu criador.

SERVIÇOS AVULTADOS E EXPRESSIVOS AO RIO GRANDE DO SUL

Foram avultados e expressivos os serviços que prestou ao Rio Grande do Sul e em especial a sua Zona Sul, como tropeiro, comerciante de fazendas, empresário de veleiros, armador, charqueador, chefe local da Guarda Nacional, juiz de órfãos, líder

político, maçom, jornalista, historiador, pensador, economista, vereador e finalmente diretor de imprensa de **O POVO** e **O BRADO SUL** e deputado, vice-presidente, presidente do Conselho, ministro da Fazenda e da Justiça e Estrangeiros da República Rio-Grandense. Entre estes serviços destacam-se a criação e o nome da atual cidade de Uruguaiana, no sentido de Santana do Uruguai. Ligou seu nome à construção da ponte do Passo do Acampamento, no rio Piratini; abertura da estrada dos Fojos, ligando Pelotas-Canguçu pela serra dos Tapes; estabelecimento da Colônia de São Lourenço 1857; desobstrução do canal de São Gonçalo à navegação, além de gravar indelevelmente e seu nome na história naval militar brasileira por sua contribuição ao pioneirismo da navegação mercante a vapor, no Rio Grande do Sul, e navegação

militar a vapor em operações da guerra no Brasil, com a construção da histórica **“Barca de Vapor Liberal”**, por sua iniciativa, em Pelotas, e usada por nossa Marinha de Guerra no combate Revolução Farroupilha e, embarcação escola de 2 oficiais de nossa Marinha que comandaram dois dos quatro vapores que forçaram a Passagem de Tonetero, em 17 de dezembro de 1851, integrando a Força Naval de 7 navios ao comando do Almirante John Pascoe Grenfell.

FAMÍLIA

Em Pelotas, Domingos José casou em 1824 com Bernardina Barcerlos de Lima, de quem enviuvou por volta de 1850. Ela era de família tradicional, rica e das mais distintas do lugar, ligada indústria do charque. Do feliz consórcio, que durou cerca de 25 anos, nasceram os filhos: Bernardino Braúlio; Luiz Felipe; Custódia; Maria Izabel; Júnio Brutus Cássio; Abrilina Décima Nona, Caçapavana, Pelópidas; e Epaminondas e Piratinino. O último alcançou grande projeção na luta pelo ideal republicano no final do século passado. Seu nome deve-se a ter nascido em Piratini. Foi o continuador do ideal de seu pai (republicano e abolicionista). Luiz Felipe integrou, como sargento, a equipe de Caxias na Guerra contra Oribe e Rosas 1851-52, segundo se conclui de carta do pai ao coronel José Mariano de Matos, então chefe do Estado-Maior de Caxias e antigo ministro da Guerra da República Rio-grandense e que seria em 1864, Ministro da Guerra do Império Brasil.

“Parte meu filho e teu criado, sargento Luiz Felipe, para o Exército, de onde talvez volte coronel, se não deixar a casca em alguma sanga ou coxilha. Por isto apresente-o ao Exmº Conde de Caxias e o tome debaixo de sua indispensável proteção o, tratando—o como pupilo seu. Ele escreve melhor que o pai, copiacorretamente, redige sua cartinha, traduz o francês “como suasventas”...

Caxias através de seu chefe de Estado-Maior recorreu a influência de Domingos José, e foi atendido, para mobilizar para a guerra contra Oribe e Rosas antigos farrapos.

Descendem de Domingos José as famílias pelotenses: Almeida, Assumpção, Barcelos, Collares, Cunha, Garcia, Lima, Luske, Mascarenhas, Massot; Rodrigues; Schild, Simões Lopes, Souza, Talaveira e Xavier.

E seu trineto o fazendeiro de Tupanciretã, atual Júlio de Castilhos, Domingos José de Almeida Mascarenhas.

MINEIRO DE DIAMANTINA - FORJA DE PIONEIROS

Domingos José nasceu no Arraial do Tijuco ,atual Diamantina-MG, em 9 de julho de 1797. De sua infância, juventude e mocidade passadas em seu berço natal pouco se sabe. Eram seus Irmãos os: Francisco José Almeida e Silva, Modesto de Almeida e Carolina, que foi casada com o comendador José Ferrelra de Almeida Brant, parente do General Felisberto Caldeira Brant - o Marquês de Barbacena, que comandou os brasileiros na Batalha de Passo do Rosário, em 20 de fevereiro de 1827 e foi introdutor da Imprensa no Rio Grande do Sul ,e pioneiro da navegação a vapor no Brasil , ao fazer circular entre Salvador e Cachoeira, em 4 de outubro de 1819, o primeiro vapor.

Barbacena possuía suas raízes familiares em Diamantina, como também Santos Dumont –o inventor do avião, cujo pai Henrique,é filho de Diamantina. Cidade que assim liga-se ao pionerismo da navegação a vapor comercial no Brasil e no Rio

Grande do Sul e da navegação a vapor militar no Brasil através do Marquês de Barbacena e Domingos José de Almeida e, da navegação aérea mundial, com o mais pesado que o ar, através de Santos Dumont. E mais, através do pionerismo de seus ilustres filhos: o general Couto de Magalhães — o desbravador do Araguaia; Juscelino Kubischek - o construtor de Brasília, e patrono de cadeira especial da FAHIMTB. Segundo constatei em diversas biografias, Domingos José chegou a Pelotas em 1819, aos 22 anos, proveniente de Minas, para comprar uma tropa de mulas e retornar.

Em carta a Bento Gonçalves de 1º de março de 1842 ele referiu que nesta data fazia 21 anos que havia deixado seu país (Minas Gerais), portanto em 1821. Interpreto que depois de 1819 voltou a Diamantina que deixou em 1º de março de 1821,para fixar-se em Pelotas, local que nos últimos 41 anos, desde a expulsão dos espanhóis de Rio Grande de suas terras, em 1776, vinha conhecendo o maior progresso relativo no Brasil, como centro da indústria saladeril,dedicada ao fabrico do charque, produto de alto consumo como alimentação dos escravos em Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro e alimento de tripulações marítimas.

Dados não confirmados de todo, dão conta de Domingos José haver trabalhado no comércio do Rio de Janeiro dos 14 aos 22 anos.

MENSAGEIRO NO RIO GRANDE DO IDEAL DE TIRADENTES

Em 1820, por ocasião da Revolução Constitucionalista do Porto, que obrigou o retorno de D.Joo IV a Portugal, tomou parte ativa no movimento,E assim escreveu:

“ por diagnosticar nele o cumprimento das inspirações de Tiradentes: passei a fazer tudo ao meu alcance para concretizar aquelas inspirações de Tiradentes. Relacionei-me com o patriota Brigadeiro Manoel Marques de Souza,com o Marechal Jose de Abreu,e Tenentes Coronéis Bento Gonçalves da Silva e José R. Barbosa e quase todos os oficiais do 21º Regimento de Milícias ... “ com sede em Rio Grande.”

O Brigadeiro Manoel Marques de Souza, o grande fronteiro do Rio Grande e herói das guerras contra os espanhóis (1763–1821) foi nessa época arrancado do Rio Grande e levado para o Rio como suspeito de conspirar a Independência. Lá morreu, antes de 7 de setembro de 1822, esquecido e desprestigiado, sem nenhuma justa homenagem depois da Independência por sua patriótica posição e sacrifícios. É o avô do Conde de Porto Alegre. Tal foi o entusiasmo e engajamento de Domingos José em prol da Independência que, em 15 de outubro de 1822, promoveu uma grande festa em Pelotas, então São Francisco de Paula , comemorativa da Independência. Para ela convidou as autoridades civis e eclesiásticas do Rio Grande, Canguçu, Piratini e Jaguarão e todo o

21º Regimento de Milícias. E segundo Alvaro Chaves, O Brigadeiro Manoel Marques de Souza 1º por nossa proposta foi consagrado patrono da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada de Pelotas, cuja História resgatamos em **8ª Brigada de Infantaria Motorizada-Brigada Manoel Marques de Souza 1º** Porto Alegre:AHIMTB.2001.Trabalhos em parceria com o historiador Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e onde resgatamos a a história do Marechal Manoel Marques de Souza.Obra disponível no Google

„o dedicado patriota, a frente da multidão, desenrolou o pavilhão nacional e ergueu vivas independência do Brasil e Nação o Brasileira que foram correspondidos fervorosamente|.

Da subscrição popular, o promotor da festa, comerciante de fazendas, concorreu com mais de 96%.

CULTURA

Domingos José viveu até os 22 anos no então Arraial do Tijuco — atual Diamantina, local que o sábio Saint Hilaire visitou e escreveu:

” Encontrei mais instrução no Tijuco (Diamantina) do que no resto do Brasil”.

Em Pelotas, como autodidata, e sob o impulso da maçonaria, passou a estudar freneticamente. Serviu- lhe sobremodo a excelente biblioteca e convívio de seu amigo e futuro sócio - o culto português Antonio Gonçalves Chaves, autor, em 1822, das **Memórias Econômico-Políticas** Interessado em assuntos filosóficos, econômicos e sociais as seguintes obras compunham sua biblioteca antes da Revolução Farroupilha: Obras de Felinto Elísio; **Tratado dos Delitos e Penas**, de Beccaria; o **Contrato Social** de Rousseau **Tratado de Economia Política** de Francisco Drez e **Pesquisas de Economia Política** de João Batista Say.. Revelou também interesse pela homeopatia, a partir de 2 de fevereiro de 1856, quando sofreu o primeiro ataque dos numerosos que o acometeriam nos próximos 14 anos até morrer em 1871.

DOENÇA

Sobre sua doença escreveu em 10 de fevereiro de 1857:

“Aterra-me, cada vez mais meu estado físico e moral. Basta ler algum fato desgraçado ou ouvir o som de música para produzir-me uma síncope, Idêntica as 5 anteriores que me atingiram em um ano e 8 dias e que me deixaram prostradíssimo pela abundância de sangue que se me tirou”.

Quando da eclosão da Guerra do Paraguai, em 1865, os referidos ataques o colocaram fora da vida, por afetarem suas outrora geniais faculdades mentais. Faleceu nesta condição,, em 7 de maio de 1871, aos 72 anos de **“amolecimento cerebral”**, segundo seu registro de óbito. Seus conhecimentos médicos foram úteis no hospital ou Lazareto de cléricos que estabeleceu e dirigiu em Pelotas.

BARCA LIBERAL - PIONEIRA DA NAVEGAÇÃO MILITAR A VAPOR NO BRASIL, EM OPERAÇÕES DE GUERRA

Em 1832, Domingos José integrou sociedade por ações. junto com três portugueses, incluindo-se seu amigo Antônio Gonçalves Chaves, para a construção da

célebre **“Barca de Vapor Liberal”**. Presume-se que Domingos José tenha tratado do assunto em 1827, com precursor da navegação a vapor no Brasil - Marquês de Barbacena, com raízes familiares em Diamantina e possivelmente a ele ligado por laços familiares, e na oportunidade daquele chefe militar ter estado no Rio Grande do Sul, como comandante do Exército, na Guerra Cisplatina 1825-28.

Até que ponto o sonho realizado de Chica da Silva de possuir um navio em Diamantina, teria influenciado o pioneirismo naval das personalidades citadas. Barbacena como jovem frequentou a Escola Naval em Portugal. Domingos José **“possuía horror’ ao mar”** como escreveu. Mas chegou ao Rio Grande por mar.

A **Barca “Liberal”**, sintetizando excelente e exaustiva pesquisa do historiador pelotense Paulo Duval, foi construída em Pelotas em 1832, em estaleiro existente a margem esquerda do arroio Santa Bárbara, junto ao final da rua Marchal Deodoro. Seu motor e caldeira foram fornecidos, por James Alaveeqd - Steam Engine Builder, situada em Nova York rua. Charvey. Seu calado era 6 palmos. Seu nome homenageava o ideal político da corrente vitoriosa com o 7 de abril de 1831, Abdicação de D. Pedro I, também perenizada no **Teatro 7 de Abril**, de Pelotas, inaugurado no ano da construção da **“Barca a Vapor A Liberal”**.

Sua primeira viagem foi 7 de outubro de 1832. Saiu de Pelotas as 9 horas e

chegou as 11 horas em São José do Norte. Desenvolveu uma velocidade de 9 milhas/hora. Sua capacidade era de cerca de 150 passageiros. Seu custo girou em torno de 40 contos.

BARCA LIBERAL - NAVIO ESCOLA A VAPOR DA MARINHA

A **“Liberal”** logo no Início da Revolução Farroupilha foi requisitada pela Marinha Imperial e armada com um canhão de 2 polegadas e um canhão curto de grosso calibre 32 (caronada) . Foi guarnecida com 85 homens. Seu comando coube ao mais tarde Almirante Joaquim Raimundo De Lamare.

Seu piloto, vindo dos EUA, foi Charles Mackeney. Ela integrou, como capitânea, a Força Naval de 40 veleiros de John Pascoe Greenfell. que estudei em **Estrangeiros e Descendentes na História Militar do R G S**, IEL, 1975. Depois de algum tempo de operação o sobre ela escreveu Greenfell: Livro Disponível no Google.

“A experiência tem provado ser a “Barca de Vapor Liberal. a parte mais interessante da Força Naval. Convém comprá-la para a nação, armá-la bem e fazer algumas modificações nas rodas para maior segurança”

Ao Ministro da Marinha solicitou mais barcas a vapor, oficiais novos e aprendizes de máquinas por que a **“Liberal** e o ambiente em que ela atuava **“eram uma boa escola”**. De fato ela serviu de escola a pelo menos aos capitães tenentes De Lamare e Antonio Francisco da Paixão que comandaram 2 dos 4 vapores que forçaram Tonelero na Guerra 1851-52.

ABOLICIONISTA

Foi senhor de muitos escravos que antes da Revolução andavam em cerca de 90. Em 8 de junho de 1865, em carta a seu filho Bernadino Bráulio forneceu algumas informações sobre seu pensamento sobre o assunto, ao escrever-lhe, tendo como portador o escravo José, intercedendo por este junto ao filho, nos seguintes termos:

“Para a cessação do tráfico negreiro fiz tudo ao meu alcance. Desvaneço-me de haver poderosamente influido para a emancipação, com os batalhões e corpos de Cavalaria que criei no tempo da República Rio-Grandense . Se Deus permitir que eu melhore, verás o que farei para a emancipação dos escravos. Basta Teu pai e amigo”.

Os corpos de Cavalaria a que refere, foram os célebre lanceiros negros farrapos que estudei em **O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul**. Porto. ALegre, IEL, 1975 Obra disponível no Google. Obra que também aborda a legislação farrapa de inspiração de Domingos de Almeida, relativas aos negros a aos direitos que eles adquiriam como soldados. O documento acima talvez seja o último que produziu antes de sua alienação mental. Foi feito cerca de 6 anos da Lei do Ventre Livre. Em 15 Nov 1841 determinou a Polícia de Boqueirão, em São Lourenço, que, impedisse um poderoso de escravizar negros libertados em testamento por seu proprietário.

Em 24 de outubro de 1845, como vereador, defendeu por escrito junto à Assembléia Geral do Império;

“a criação em cada município, às expensas do Estado, de um Curador de Emigrantes e Escravos”que defendessem estes

gratuitamente nas causas civis e crimes, além de orientá-los, procurar-lhes trabalho e acomodá-los”.

O COMERCIANTE E EMPRESÁRIO

Chegando no Rio Grande por mar, para comprar mueres e vendê-los no Arraial do Tijuco, atual Diamantina, terminou por radicar-se em Pelotas como comerciante de fazendas. Patriota desprendido, financiou mais de 96% da festa da Independência na hoje cidade de Pelotas. Com o casamento ingressou no negócio das charqueadas e continuou no comércio. O período da Guerra Cisplatina 1825-28 foi-lhe comercialmente extremamente favorável. No início de 1828 mandou vir do Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia grande quantidade de escravos novos e apreciável estoque de fazendas, molhados, ferragens e louças. Ao final da guerra caiu a demanda e com ela o preço de venda desses produtos. Este fato acrescido da grande mortandade ou fugas dos escravos comprados, naufrágio da sumaca **“Pureza”**, com carga de sua propriedade e déficits nas exportações de charques, importou no prejuízo de cerca de 167 contos de réis. Foi obrigado a entrar em concordata com seus credores que lhe haviam emprestado 169 contos. A concordata data de 18 de setembro de 1831. O prazo Inicial concedido foi até 18 de setembro de 1834. Seus credores deram o seguinte parecer: Reparem o prazo final um ano antes de estourar a Revolução Farroupilha.?

“A fortuna nem sempre favorece os homens de bem. Resultará não pequena glória, a generosidade dos credores, dispensada a um negociante, ora decandente, que soube adquirir bom nome em muitas praças de comércio. Lhe aconselhamos: vender os prédios que possui na vila; e a existência em ser 2 iates e os veleiros de alto mar, para com os recursos a obter, livremente manejar sua charqueada. Lhe aconselhamos, outrossim, não especular no comércio e não avalizar títulos durante a concordata, limitando-se à administração de sua charqueada e olaria ou, outro ramo

seguro. Com a lição dos azares que experimentou formará sua fortuna”.

O EMPOBRECIMENTO DURANTE A REVOLUÇÃO

Domingos José não conseguiu reabilitar-se financeiramente. Sua situação agravou-se com as dívidas não pagas de seus devedores. A Revolução Farroupilha levou-lhe 88 dos escravos que possuía e serviços por eles prestados à causa farrapa e não indenizados. Concorreu com cerca de 42 contos de seu bolso para as despesas do Estado. Despesas das quais não se ressarcia como Ministro da Fazenda e, ao tentar fazê-lo, ao deixar o cargo, já não existia dinheiro na República Rio-Grandense. Não recebeu durante a Revolução nenhum vencimento devido. Sustentou-se a si e a sua numerosa família com rendas auferidas de trabalhos de 17 escravos de sua propriedade. Ao final da Revolução conseguiu mais oito anos de prazo de seus credores. Sua charqueada que fora arrendada durante a Revolução, a Luis Próspero Chastain, foi-lhe devolvida a duras penas. Para reerguê-la e a sua casa e comprar novos escravos contraiu a dívida de 42 contos de réis. Este esforço foi anulado pelas más safras de 1846/1847, perda de sua esposa logo após, morte de escravos seus, em razão da *“cólica morbus”* em 1857, atacados diretamente por ela ou postos a disposição do Lazareto que criou e dirigiu em Pelotas para lutar contra a traiçoeira doença.

Em 1871 estava pobre, limitado a olaria São Domingos. Nesta condição veio a falecer, mostrando assim como *“homem desprendido e desambicioso”*, não possuir vocação para administrar os seus interesses particulares, ao contrário da revelada para conduzir os interesses públicos, em especial os da República Rio-Grandense.

PENSAMENTOS

Na obra de Domingos José encontram-se muitos de seus pensamentos. Em 18 de agosto de 1842, em Bagé, num momento de desilusão, ele passou muitos deles para o papel. Dentre eles destaque:

Mediocridade: *“Falso é o princípio de que para tratar dos grandes interesses das nações e indispensável saber, possuir distintos talentos, virtude e consumada prudência; pois o ar insolente de X, sua impostura e ignorância profundas, confirmam que o mundo não é governado pela inteligência”.*

Calúnia: *“Dedicando todas as minhas faculdades em prol da causa rio-grandense, a que tenho servido com a mais austera fidelidade e esmero, sobretudo me fere as grosseiras calúnias e pérfidas insinuações que a brutalidade de muitos me tem assacado. Mas eles dão o que tem e eu ofereço vida sem medo de a confrontar com a deles”.*

Justiça: *“O bom juiz além de inteligente e probo deve conhecer as leis e delas fazer a devida aplicação, ser zeloso no desempenho de seus deveres e possuir coragem, em grau eminente, para dar a cada um o que é seu e, sobretudo, para romper as iniquidades dos grandes, virtudes raríssimas no desditoso”.*

Brasil”.

Riqueza: “A prosperidade enche os homens pequenos ao ponto de lhes fazer esquecer que eram, que nada são e que não hão de ser”.

Humanidade: “O trabalho que se emprega em favor da Humanidade é recebida com indiferença de muitos, com o ódio de alguns e com a ingratidão de quase todos. A que ficaríamos reduzidos se a certeza da ingratidão nos desviasse de fazer à Humanidade?”.

Serviço Militar: “,,,Em toda a História, a sorte das armas decidiu os destinos dos impérios, a vida e a liberdade do homem, bem como a existência das nações, se estiverem sempre dependentes da sorte das armas nos combates. Verdade terrível que impeliu os antigos legisladores a impor a todos os cidadãos o sagrado dever de defender a Pátria e dar por ela a vida, como único meio de evitar a sua pública e geral escravidão. Que fatalidade!”.

Honra: “A honra do homem de bem, não esta no poder de ninguém. Ela esta nele e não na opinião do povo”.

Virtude: “Se são custosos os sacrifícios à virtude, sempre é doce havê-los feito. Jamais se viu alguém arrepender-se de uma boa ação.

O homem de bem:”O homem de bem leva com gosto a lisongeira carga de uma vida útil a seus semelhantes|.

A imaginação: “O mundo real é limitado e o imaginário infinito. Não sendo possível entender o real limitemos o imaginário”.

Moderação: “Falsa , triste e grave é a situação que nos achamos. É mais uma prova de que todo o partido moderado, que tenta atalhar o violento, penetra num círculo vicioso, do qual ao tentar safar-se precipita-se”.

PRESO DUAS VEZES

Os antecedentes liberais e republicanos de Domingos José, até antes da Revolução Farroupilha eram notórios. Na Assembléia Provincial chegou inclusive a ameaçar fazer uma revolução. Isto tudo chamou a atenção de seus adversários sobre si e suas potencialidades revolucionárias intelectuais, militares e econômicas, como homem culto, chefe da Guarda Nacional local e charqueador. Quando seu amigo Bento Gonçalves destituiu em 20 de setembro de 1835 o Presidente do Rio Grande Fernandes Braga, este desembarcou em Pelotas em 3 de outubro para resistir. Em consequência, Domingos José tornou-se o maior alvo adversário. Foi sequestrado em de outubro, as 20 horas por três homens, a vista de sua família e hóspedes em sua charqueada. Foi humilhado e caluniado. A população pelotense foi atirada contra ele, acusado de haver tentado sublevar os escravos. De 5-22 de outubro ficou preso durante 17 dias, a bordo da escuna **19 de outubro**||, frente a São José do Norte. Em 13 de março de 1844, foi preso em Piratini pelo tenente Coronel Francisco Pedro de Abreu o Moringue e colocado na prisão em Canguçu. Conseguiu fugir na noite de 15 para 16 de março, no passo Real, no

Candiota. Sobre o tratamento recebido escreveu a Manoel Lucas de Oliveira então Mjnistro da Guerra Farrapo:

“O Ten Cel Chico Pedro (o Moringue) me tratou com urbanidade, concedeu-me permissão para escrever a quem desejasse. Seus oficiais imitaram-no, de forma que eu parecia ser um antigo companheiro que encontravam depois de longe ausência”. E arrematou a carta nestes termos: “Cidadão Mínistro no trânsito de duas prisões que sofri durante esta Revo lução, a experiência me mostrou que muito ganha o partido que afaga. Em 1836 deixei a prisão respirando ódio aos guardas. Em 1841, os deixei constrangidos isento de sentimentos rancorosos contra alguém e ansioso para auxiliar meus captores. Esta lição não deve ser perdida. “

JUSTIÇA A UM VERDADEIRO SOLDADO

Legenda da foto na página seguinte. Ao fundo apontado pela seta a tinta 2 . a cadeia mandada construir em Canguçu pelo Ten Cel Francisco Pedro Brusque de Abreu quando ali comandou a Ala Esquerda do Barão de Caxias na pacificação da Revolução Farrroupilha. Notícia que Chico Pedro espalhava ironicamente, segundo João Simões Lopes Neto em 1912, como a “Casa de Hóspedes de presos republicanos.”O autor conheceu este prédio até por volta de seus 10 anos, quando foi demolida e em seu lugar foi construída a Delegacia de Policia e cadeia nova. As quais também demolidas cederam lugar a sede da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e ao Teatro Municipal Professor régio para meninos Antônio Joaquim Bento. Nela estiveram presos os ministros farroupilhas Cel José Mariano de Matos vice presidente da República Rio-Grandense, Domingos José de Almeida Ministro da Fazenda e o Cel Joaquim Pedro Soares (1770-1850), veterano das lutas contra Napoleão no Peninsula Ibérica E os dois coronéis por nós estudados em nosso livro O Exército Farrapo e os seus chefes.Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército.1992.v.1 Disponível no Google (Fonte: Foto do Arquivo Conrado Ernani Bento focalizando em dezembro de 1932 a inauguração da Luz Elétrica quando era o Prefeito Municipal.



Domingos José, descortados 16 anos de sua última prisão, escreveu a seu captor para fazer justiça a um sargento negro que resistira a todas as tentadoras ,promessas para soltá-lo, ao acompanha-lo até **Canguçu**, para aprontar-se para uma viagem.

“Para me dar fuga ofereci a este digno cidadão brasileiro o posto de tenente em qualquer dos corpos da República e 3.000

patações de prata. A nada dobrou-se, cumprindo seu dever a risca. Isto em um jovem desprezado por sua cor, por nossa improvisada e orgulhosa aristocracia, um fenômeno remarcável, digno de figurar numa das páginas de nossa História. Caso este sargento ainda exista peça a V.Excia. recomendá-lo às graças do Monarca e consideração da Nação”.

A proposito no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br disponibilizo um prefacio de meu livro o **Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul** feito pelo afro descendente ilustre dr Carlos dos Santos que presidiu a Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul .e que interinamente ó presidiu em duas oportunidades.

Domingos José por outro lado fez justiça a Chico Pedro ou Moringue, que comandava a Ala Esquerda do Exército de Caxias e passou a admirar - lhe. Chico Pedro foi o mais competente guerrilheiro legalista e o terror dos farrapos, por suas táticas que resultavam quase sempre em surpresa. Nem sempre alguns historiadores lhe fizeram justiça. O que procurei fazer em meu livro **Os sitios farrapos de Porto Alegre e a Administração de Caxias**. Brasília:SGE/EGGCF, 1989, disponível em Livro no site www.ahimtb.org.br e no Google e resgatar a sua atuação a partir de Canguçu como Comandante da Ala Esquerda do Exército Pacificador de Caxias que desenvolvo e meu livro **Canguçu Reencontro com a História...Resende;AHIMTB/ACANDHIS, 2007.2ed.**Disponível no Google.

Quando baseado em Canguçu Chico empregou sua tropa na recuperação da Igreja N.S. da Conceição em ruínas. N.S. da Conceição foi a padroeira do Exército Imperial e a devoção do Duque de Caxias. Construiu a cadeia local que serviria de Posto de Comando , em 1845-50,ao Capitão o Antônio Sampaio, atual patrono da Arma de Infantaria do Exército., desde 2010. Sampaio partilha seu nome com a Avenida Exército Nacional e cuja biografia publicamos em **Brigadeiro Antônio de Sampaio o patrono da Infantaria –Bicentenário**.Resende;AHIMTB/IHTRGS,2010.Disponível no Google.

PELOTAS - ARSENAL FARRAPO

Em 1º de junho de 1836, uma Divisão de 800 homens ao comando do primeiro general farrapo João Manoel Lima e Silva, (tio do então Conde de Caxias e seu amigo de infância e contemporaneo na Academia Militar Real e como ele também o Cel José Mariano de Matos veteranos da Guerra da Independência na Bahia em 1824) chegou a foz do Pelotas para atacar navios imperiais que guarneciam o passo dos Negros. Para apoiá-lo Domingos José de Almeida transformou sua charqueada em Base Logística de Lima e Silva. Segundo José Mariano de Mattos, Ministro da Guerra farroupilha e mais tarde Ministro da Guerra do Brasil (1864) e que ali esteve na ocasião no comando de uma Brigada e como fortificador da foz do rio Pelotas:

“Domingos José estabeleceu em sua casa diversas oficinas de um Trem de Guerra” (Arsenal). Elas estiveram sempre em ativo serviço durante o tempo que ali permaneceu a força de Lima Silva. Neste serviço, no de transportes de madeiras para a construção de balsas estabelecidas no passo dos Negros e na edificação de dois fortes que se estabeleceram no rio São Gonçalo (de cada lado da foz de Pelotas) e finalmente na condução de suprimentos para a Divisão e matança de gados para consumo e mais serviços, ele vira Domingos de Almeida empregar uma grande quantidade de seus escravos”.

A participaçéo de Domingos Jose na Revoluçéo Farroupilha é por demais ampla e conhecida, razão de sua não abordagem neste ensaio.

DESTINO DURO E GRATO DOS RIO-GRANDENSES

Em 1849, como vereador em Pelotas, subscreveu documento dirigido aos deputados gaúchos é a Assembléia Geral no Rio no qual, em certo trecho, revelou a sua visão estratégica superior do Rio Grande do Sul , dotado de canais de longo curso em di reções diversas através do seu coração. Possuir solo fecundo para o cultivo de tudo, campos vastos e próprios à rápida procriação do gado em geral, recursos minerais e medicinais; madeiras preciosas para a construção naval e civil e um clima bom e sadio. Parece talhado por Deus para ser o berço da Agricultura, Pecuária, Industria e Artes do Brasil. Porém, apesar de todas estas excelências, o mesmo Deus impôs a seus filhos pesado ónus de as conservar para si e para a União, quase que efetivamente de armas em punho .

O HISTORIADOR

Em 1859 revelou ao brigadeiro Gomes Portinho sua intenção de escrever:

A história de “nossa heróica revolução e meus trabalhos a respeito estio adiantados Seu plano de obra incluía a revisão de seus documentos recebidos 1827-59, “para cotejá-los coordená-los e arrumá los cronológicamente incluir a bibliografia que dispunha: Historietas” do comendador Coruja, do General Abreu e Lima; Reflexões sobre o Generalato do Conde de Caxias; do Visconde de So Leopoldo; Relatórios do Brasil do Dr. Saturnino Oliveira e tudo o que se escreveu sobre o período em Porto Alegre, Rio Grande, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas, Bahia e Montevidéu. Achava isto trabalho superior para um velho de 63 anos e a morrer todos os dias”. “Meu general o que tenho a deixar a meus filhos é somente meu passado. Adeus||.

Nota ~Sinal dos tempos este autor va com 84 anos ,21 anos mais de Domingos José e escrevendo sobre ele.

Nesta tarefa trocou muitas idéias com seu amigo Major Bernardo Pires que estudei em **História dos Símbolos do RGS**,_Recife, UFRPE, 1971 .Disponível no Google. Alimentou a desconfiança de David Canabarro haver traído a Revolução ao deixar suas tropas serem atacadas em Porongos. No concretizou lamentavelmente sua projetada obra histórica. E minha opinião contrária a respeito a abordo em artigos no site www.ahimtb.org.br sobre o combate de Porongos.

DO LÍDER E ESPADA DA REVOLUÇÃO

Quando Bento Gonçalves faleceu em 1847, Domingos José escreveu e publicou seu necrológico que abordou sua vida e obra até o fim da Guerra Cisplatina em 1828..

Sobre o líder e maior espada_da Revo1ução Farroupilha escreveu: “o cérebro|| da mesma a certa altura:

“Era de estatura pouco acima de ordinária, proporcionada e esbelta. Era dotado de força e hábil no manejo de várias armas.

Sua fisionomia era regular, simpática e muito popular. Cultivou com esmero sua excepcional inteligência, no estudo da História, particularmente no que ela transmitia de lições dos grandes homens. Recorria quase sempre a algumas dessas lições em suas conversas”.

A seguir contou as experiências e lutas de Bento Gonçalves em prol da Preservação da Integridade e Soberania do Brasil no Sul desde que, em 1812, quando ele deixou a casa paterna no modesto, posto de furriel de Auxiliares para retornar, 16 anos depois, como coronel de Estado-Maior do Exército, comandante de um Corpo de Cavalaria de 1ª linha e da Guarda Nacional da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul, atual estado do Rio Grande do Sul. Bento Gonçalves da Silva é o meu Patrono na Academia Piratiniense de História, por nós fundada, no CTG 20 de Setembro em Piratini. Mas desconheço como ficou esta agremiação. Minha posse foi no antigo sobrado onde funcionou a Presidência da República. Guardo comigo este meu discurso e outros quando a presidi e sintetizo sua biografia as p.69/92 de meu livro **O Exército Farrapo e os seus chefes. Rio de Janeiro: BIBLIEx.1992,2v**, Síntese disponível em artigos no site www.ahimtb.org.br

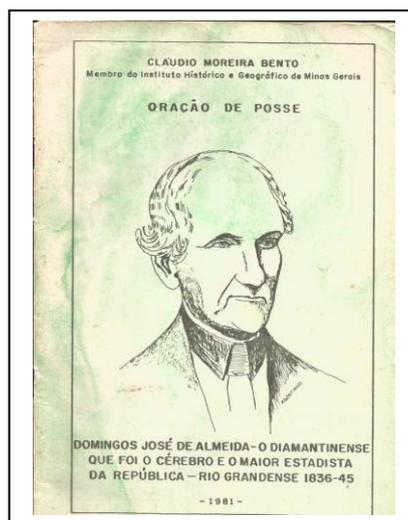
Em Tempo: Concluído o presente ensaio, o autor recebeu cartas estimulantes do desembargador Moacyr Pimenta Brant e do médico Antônio de Almeida, residentes em Belo Horizonte, ambos parentes de nosso biografado. Domingos José de Almeida era filho de Domingos José de Almeida e Escolástica Maria de Abreu Lima. Eram seus irmãos: Alexandre José de Almeida, Maria Carlota de Almeida, Modesto Antonio de Almeida e Francisco José de Almeida e Silva. Este permaneceu em Diamantina onde destacou-se por seu espírito público e iniciativas progressistas e teve duas filhas: Maria Carolina que casou-se com José Ferreira Brant e a outra com o desembarcador Carlos Otoni, parente de Teófilo Otoni. Segundo o Desembargador Moacyr, Domingos de Almeida não teve relação familiar com o Marquês de Barbacena. A ligação dos Brant com os Almeida foi em razão de casamentos de seus avós José Ferreira Brant com Maria Carolina, sobrinha de Domingos José de Almeida. O irmão Modesto, de Domingos José, teve como descendentes Modesto Ribeiro de Almeida Júnior, Octaviano de Almeida (pai do médico Antônio Octaviano citado), que foi médico professor e reitor da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte.

FONTES

1. **ANAI DO ARQUIVO HISTÓRICO DO RGS.** .4v.(O autor consultou a volumosa correspondência de Domingos José aí publicada)
2. BENTO, Claudio Moreira, cel. Significação histórica do Duque de Caxias. **Revista do Clube Militar** maio/junho 81 p..16. Foto e referência ao general João Manoel Lima e Silva, primeiro general farroupilha e tio do atual Duque de Caxias).
3. _____. **A grande festa dos lanceiros.** Recife, UFPE, 1971. Disponível no Google
4. CHAVES, Alvaro. Domingos José de Almeida. 17º Distrito, Diamantina-MG, 30 de outubro 1886.(transcrito de **A Federação**, Pelotas, 10 de abril de 1885).
5. CORREIO DO POVO. Domingos José de Almeida um grande herói farroupilha. Porto Alegre, 15 de junho de 1975.
6. CUNHA, J. Zeferino. **Domingos José de Almeida.** Pelotas, s/e, 1902.
- 7 DUVAL. A Barca . Liberal e o Alm Joaquim R. De Lamare. **Diário Popuiar**, Pelotas, 10 de julho 1970..
- 8A barca de Vapor Liberal In: **Anais do IV Congresso Sul-Rio grandense de**

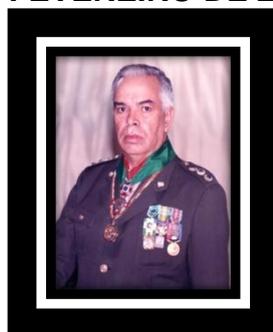
História e Geografia.Porto Alegre, Ed. Globo,)1945.

- 9 - KOSERITZ, Carlos Von. Domingos José de Almeida **In: Almanak Litterário e Estatístico do RGS** 1898. p. 215/217 (Almanaque transcreveu trabalho de Koseritz de maio de 1871)
- 10 - LAYTANO , Dante de. **História da República Rio Grandense**. Porto Alegre, Ed Globo, 1936. (Aborda a conversão de moeda que Domingos José fez durante a Revolução, que causa admiração até hoje aos economistas) .
- 11 - MORAIS, Henrique Carlos de. Informações e subsídios fornecidos por este estudioso da vida e obra de Domingos José de Almeida. Dirigiu o Museu de Pelotas.O autor o conheceu em vida quando ele prepara seu Arquivo para logo depois morrer.
- 12 - MOREIRA, Angelo Pires. Informações várias fornecidas ao autor colhidas em Pelotas (Angelo é bisneto de Bernardo Pires que foi grande amigo, correligionário, confidente e colaborador de Domingos José em sua projetada História da Revolução Farroupilha).
- 13- _____.**Pelotas na Tarca do Tempo**.Pelotas,rs,data,Esuada as Atas da Câmara de Vereadores de Pelotas. Obras disponíveis no Arquivo Conrado Ernani Bento da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS)
- 4- OSÓRIO, Fernando Luiz. **A cidade de Pelotas**.Porto Alegre, Ed Globo, 1962. 1° Ed.
- 15- PEREIRA, Renato Alves. Os 150 anos de Diamantina. **Voz de Diamantina**.1981
- 16 - RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Homens e fatos do passado - A Barca Liberal **In: Almanak.Literário e Estatístico .do RGS**. 1903, p.189-191.
- 17 - ROSA, Otelo. Domingos José de Almeida **In: Vultos da Epopéia Farroupilha**.Porto Alegre,Ed.Globo,1935,p.104/110.
- 18 - SOUZA, Benedito José. Cartótipo a ao autor de Belo Horizonte, 20 julho de 1981 Informando irmãos de Domingos José..
- 1920 - SPALDING, Walter. Domingos José de Almeida **In: Construtores do Rio Grande**. Porto Alegre,Ed. Sulina, p.. 177-182.
- 19- WINZ, Antonio Pimentel. Sesquicentenário de Diamantina. **O Sul de Minas**, Itajubá, 22 de agosto de 1981.



Capa verde contendo o Discurso de posse do autor em 1982 em Itajubá, como Comandante do 4º Batalhão de Engenharia de Combate de Itajubá MG ,como membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e editado pela Universidade EFEI de Itajubá. Obra ora digitalizada para ser incluída em Livros no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e para ser colocada cópia impressa nos acervo da FAHIMTB doado a AMAN no seu Boletim Especial nº 2 de 17 de novembro de 2014 E na Internet a disposição da Pesquisa Histórica

CURRÍCULO CULTURAL SINTÉTICO DO CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO EM FEVEREIRO DE 2023



Veterano Cel Eng Claudio Moreira Bento Historiador e pensador militar. Memorialista e Jornalista

(X) Coronel Claudio Moreira Bento nascido em Canguçu-RS em 19 out 1931. Turma Asp Mega Eng AMAN 1955. Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista. Sócio Benemérito do IGHMB, emérito do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na Republica Argentina. Integrou como adjunto do Presidente, a Comissão de História do Exército do Estado – Maior do Exército 1971/1974, na qual como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército escreveu o artigo As Guerras Holandesas, da **História do Exército perfil Militar de um Povo**. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras 1978/1980 Academia sobre a qual escreveu 4 livros sobre sua História, além de diversos artigos Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1980. E autor de mais de 110 obras (Álbuns livros e plaquetas) disponíveis para serem baixados no site www.ahimtb.org.br e no Google, além de centenas de artigos na imprensa civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados no citado site . Seu último livro foi sobre **Marechal José Pessoa e seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército**. Foi o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul constante de 24 livros, dos quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu como Diretor do Arquivo Histórico do Exército , comissão para estudar e propor a localização do Museu do Exército, a qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1982. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas. Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves RS , na construção do Tronco Ferroviario Su, considerado serviço de natureza nacional relevante. Fundou e presidiu as Academias Canguçuense, Piratiniense, Resendense e Itatiaense de História. É sócio dos Institutos históricos e geográficos do RS, SC, PR, SP, MG, PB, RN, CE e de Sorocaba, Petropolis, Pelotas do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Valedo Paraíba correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembleias legislativas de Goiás e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes no Recife. E cidadão itajubense, itatiaense e resendense. Tem sido considerado o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária. Foi palestrante sobre História do Exército nas ESG, ECEME, IME, EsAO, AMAN ,ESA e Escola de Instrução

Especializada e nos CPOR de Recife, Rio De Janeiro, Porto Alegre e no NPOR de Pelotas, e Itajuba e Colégios Militares de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Campo Grande. Desenvolveu, em parceria com o historiador militar Luiz Fagundes, para ser lançado neste ano de 2022, Bicentenário da Independência, a obra **Os 78 anos da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, com Almanaque de todos os Aspirantes a Oficial masculinos e femininos formados por ela 1944-2021**. E ainda para o Bicentenário da Independência, a Biblioteca do Exército lançará seu livro **Duque de Caxias – o Patrono do Exército e a Unidade Nacional**, como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência. Este ano completará 91 anos de idade. Se Deus quiser! Em seu site e no Google pode ser acessado seu livro digital **Meu legado historiográfico civil e militar não vivi em vão!** Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603 – Bloco B – Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170. Site www.ahimtb.org.br. E-mail bento1931@gmail.com Celular 24/999247757